

Da verdade como metáfora à verdade metafórica: linguagem e realidade em Nietzsche e Paul Ricoeur

Leonardo Magalde Ferreira

Doutorando em Filosofia na UFABC

<http://lattes.cnpq.br/4776486704424177>

leonardo.magalde@ufabc.edu.br

42

Definida na Antiguidade por Aristóteles como um ato de transposição nominativa a fim de ressaltar semelhanças e alterar significados, a metáfora deixa de ser vista como um elemento de fruição discursiva em meados do século XVIII e torna-se uma peça fundamental para se pensar a origem da linguagem, principalmente no Romantismo. Nesse contexto, podemos identificar uma interpretação segundo a qual o surgimento da linguagem repousaria em uma esfera sensível e imagética, anterior a toda sorte de abstração conceitual, e a metáfora seria o elo entre estes dois momentos, pois seria encarregada pelo transporte (*epiphora*) de um elemento a outro.

Entretanto, se nessa concepção a linguagem galgaria estágios rumo a um tipo de ascensão, encontramos em Friedrich Nietzsche uma desafiadora leitura desse processo de transposição metafórica. Segundo o filósofo alemão, a passagem do sensível para o espiritual não indicaria um processo teleológico e sim o esquecimento de que não há linguagem que não seja figurativa, inclusive a noção de verdade, de modo que as pretensões discursivas da filosofia no trato com a realidade encontram nessa crítica uma limitação. Logo, o argumento de Nietzsche a favor da impossibilidade de se conhecer a realidade por meio da linguagem encontra em sua definição de metáfora um dos principais fundamentos.

Em contrapartida, encontramos em Paul Ricoeur uma resposta a essa visão. Enquanto Nietzsche abre mão de um elemento primordial para o funcionamento da metáfora, a saber, o componente semântico, Ricoeur, em consonância com as novas teorias da metáfora que surgem no século XX, que tratam a metáfora como *enunciado* e não mais como *palavra*, defende ser justamente a abertura semântica seu principal atributo. Entendemos, portanto, que tais interpretações são antagônicas em decorrência das implicações relacionadas à definição de metáfora em cada autor.

Assim, defendemos que o movimento operado por Nietzsche resulta em uma interpretação redutora, ao passo que, em Ricoeur, há uma intensa ampliação de sentido, até mesmo sendo possível repensar a noção de verdade, agora ela mesma metafórica. Isso porque o choque semântico proporcionado pela metáfora cria uma tensão entre o *é* e o *não é*, dando vazão a um novo referente. Nossa hipótese, portanto, é de que se levarmos em consideração o componente semântico ignorado por Nietzsche, outra relação entre metáfora e verdade pode surgir.

Palavras-chave: Metáfora. Linguagem. Realidade. Filosofia. Discurso.

Bibliografia

NIETZSCHE, F. *Curso de Retórica*. Tradução: Thelma L. da Fonseca. In: *Cadernos de Tradução*, n. 4. São Paulo: DF/USP, 1999.

_____. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral*. Tradução: Fernando Moraes de Barros. São Paulo: Hedra, 2012.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *Do texto à ação: Ensaio de Hermenêutica II*. Tradução: Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Portugal: Porto Rés Editora, 1989.